

## um jornal, outras palavras | gustavo simões\*

Carlos Baqueiro e Eliane Nunes (orgs.). *O Inimigo do Rei: imprimindo utopias anarquistas*. Rio de Janeiro, Achiamé, 2007, 156 pp.

A publicação do livro *O Inimigo do Rei: imprimindo utopias anarquistas*, organizado por Carlos Baqueiro e Eliane Nunes; lançado pela experiente editora anarquista Achiamé possibilita a leitura de seleta de textos de *O Inimigo do Rei*, jornal libertário que durante onze anos de circulação irregular, entre 1977 e 1988, divulgou e promoveu a existência de coletivos e associações anarquistas, feministas, ecologistas, gays, punks, que surgiram no Brasil neste período. Mas, permite também, hoje em dia, problematizar a atuação política de alguns anarquistas que insistem em confinar as práticas de liberação num passado distante, fazendo da militância libertária no presente, um palavreado cômodo e triste.

Pretendendo “dar visibilidade ao que se passou com o jornal” (p. 9), o livro traz textos importantes como o “Comunicado”, lançado logo na primeira edição de *O Inimigo do Rei*, que explicita as intenções do coletivo que produziu os primeiros números na Universidade Federal da Bahia — “o primeiro passo é escapar à tendência de escrever meros panfletos sectários. Não estamos aqui para jogar uma ‘verdade’ que deve ser aceita cegamente. Aliás, não pretendemos jogar ‘nenhuma verdade’ e

\* Bacharel em Ciências Sociais na PUC-SP, Mestrando no Programa de Pós-Graduandos em Ciências Sociais da PUC-SP e integrante do Nu-Sol.

muito menos que ela seja aceita sem críticas, de cabeça baixa” (p. 18); e a apresentação intitulada “Quem é o Inimigo do Rei”, que evidencia a incorporação pelo periódico de uma força jovem que “se mede por sua coragem e destemor e não pelos meros indicadores etários de seus criadores e leitores” (p. 26).

Revigorados no jornal com as reflexões de Edgar Rodrigues, os embates com os marxistas também aparecem no livro com “Adeus Marx”, texto em que Ricardo Líper avacalha a militância esquerdista: “poderia ficar aqui esculhambando mais (...); fica aqui o desafio público para o debate diante de grande auditório (...). Podem vir com os textos sagrados e tudo” (p. 81) desdobra-se em outro artigo, “Especulações e certezas”, no qual o autor conclui sob uma ótica anarco-sindicalista que “só houve um momento na história das lutas sociais no país onde se agiu de forma coerente e séria. Foi quando as lutas sociais eram dirigidas pelos sindicatos anarquistas do início do século 20” (p. 54).

Entretanto, o livro organizado por Baqueiro e Nunes não se restringe aos temas que dizem respeito à militância nos sindicatos ou nas universidades, presente na seleção de textos, com o ensaio de Sebastião Rosa, “Calma garotos, saberemos a hora”, em que o autor afirma que “é preciso que surja nas universidades formas de luta autogestionárias, onde não haja nenhuma chefia, nenhum líder, onde todos percebam que toda estrutura de poder não passa de consolidação do velho mundo” (p. 120). A coletânea permite aos leitores apreender também a problematização e o posicionamento singular que emerge com *O Inimigo do Rei* ao movimento pela anistia, no lançamento de sua sétima edição, publicada com foto na capa de um homem com os braços para fora das grades e a frase destacada “Eu também quero sair”. No livro o embate ganha forma no texto “A anistia para

os Herzog(s) dos pobres”, no qual Antônio Carlos Pacheco afirma que “o cadáver de Herzog terminou por ajudar uma anistia que só atende àqueles dispostos a confessar que, de agora por diante, serão bem-comportados” (p. 60). O artigo não assinado “Presídios: onde se forma o doutor em marginalidade” conclui: “pouco importa se nos falam de prisões com grades, choques elétricos ou ‘chá de meia-noite’. O que interessa é a abertura das prisões” (p. 137). Porém, com o esfriamento das discussões sobre a anistia, o questionamento da prisão minguava no Brasil, mostrando que o alvo dos jornalistas era insistir no fim da distinção entre presos comuns e políticos que alimentava a esquerda institucional.

Sem dar sossego, o jornal, em 1979, a partir da capa “Prática sexual ampla, geral e irrestrita” — frase que inverte a máxima da política de abertura implementada pelo governo Ernesto Geisel — injeta com humor próprio o sexo na anarquia. Atualizando a luta histórica dos libertários pelo amor livre e liberdade sexual, o ensaio-convite, “Trabalhadores de todo o mundo, façamos uma grande suruba”, argumenta: “para os anarquistas, as necessidades fisiológicas e psicológicas do amor escapam aos regulamentos, porque têm em si a sua própria razão de ser, incapaz de modificar-se por meio de códigos, leis ou preconceitos sociais” (p. 132). Antônio Carlos Pacheco assina o polêmico artigo “Sexualidade anistiada”, que embora enredado na ideologia que interpreta o poder como algo negativo, exclusivo de uma classe que reprime para “manter subjugadas as classes dominadas”, não clama somente por uma revolução que transforme o sexo: “pregamos uma total libertação sexual (...). Quem quiser trepar com carneiros, galinhas, bananeiras, deve fazê-lo sem se preocupar se isso é ‘normal’” (p. 128); uma liberação da moral e dos padrões que definem normalidades e desvios.

Combatendo o morno deserto da sexualidade, *O Inimigo do Rei* fez com que o sexo descesse do trono e se espalhasse solto. Em “Quem não trepa se Freud”, “o jornal beleza pura, o fino que satisfaz” convida os trabalhadores a não engrossar “o batalhão de infelizes assistindo a novela das oito” (p. 130) e se posiciona contra o governo do sexo pelo discurso científico, “em aulas de ‘educação sexual’ (...) uma coisa anti-séptica, insossa, insípida, inodora (...) chatérrima”, para afirmá-lo como “uma grande e gostosa brincadeira” (p. 132). A resenha do livro de Roberto Freire *Sem Tesão não há Solução*, realizada pelo coletivo da *Soma* de São Paulo conclui que é “impossível acompanhar o autor revelando-se anarquista graças a Eros, ou ainda um drogado assumido, público e autônomo, sem pensar no mal-estar que ele provoca (...) nos amantes que querem forjar o paraíso no amor retirando-lhe a liberdade; dos sexólogos, militantes de partidos, psicanalistas (...) mal-estar inevitável para qualquer um que não esteja vivendo já, no seu dia-a-dia, a revolução em suas relações imediatas de poder” (p. 129).

O livro organizado por Baqueiro e Nunes é vital para mostrar a potência do jornal, decorrente do esforço de anarquistas que saíam às ruas, nas portas de fábricas e de universidades para vendê-lo ou viajavam com exemplares escondidos para distribuí-lo em outras cidades. Não cabe apontar apressadamente sua existência como a emergência de um novo anarquismo. O olhar que identifica, reparte o anarquismo entre “moderno” e “antigo”; perde o incessante movimento das suas práticas para investir em imobilização. Se ontem o jornal inventou outros espaços livres da ditadura e do consolo da espera pela utopia, hoje, o livro lança outras palavras para quem ainda não tirou a tristeza da boca.